



SUISSA — CASTELLO DE OSTENSTEIN.

O cantão dos Grisões, se é um dos mais favorecidos pela natureza, é também um dos mais ricos em recordações do feudalismo. Só no valle de Domleschg, notavel pelos accidentes naturaes, existem mais de vinte castellos, a maior parte em ruínas, cujo aspecto se harmonisa perfeitamente com a forma selvatica d'aquella região singular.

O castello de Ostenstein é um dos mais vastos e dos mais bem conservados. Pertenceu n'outro tempo a um dos ramos da familia de Werdenberg, o ramo dos sargans, cujo pendão foi arvorado nas suas muralhas pelo genro do barão de Waz, o cavalheiro Rudolfo, a quem aquelle legára o solar de Ortenstein.

Este Rudolfo teve por filho João de Werdenberg, que commandava as tropas austriacas na batalha de Næfels (9 de agosto de 1388) na qual alguns centos de suíços de Glaris desbarataram os austriacos dez vezes mais fortes em numero.

Werdenberg da sua fidelidade á casa d'Austria não colheu em resultado as recompensas que esperava. Depois do desastre de Næfels bem quizera reconciliar-se com os suíços; preferíra a vida singela de Glaris á ruínosa magnificencia da cõrte; mas a Suíssa sabia toda que elle tinha sido um inimigo perfido; e por isso não podia acreditar que pudesse ser depois um amigo fiel. Ligou-se pois de novo com os duques austriacos, e o systema de vida que adoptou arruinou-o completamente; hypothecou ou vendeu os seus melhores bens, e doze annos depois da bata-

lha de Næfels, João de Wardenberg falleceu no castello de Ortenstein em 1400.

IGNOTO DEO.

TRADIÇÃO PORTUGUEZA.

V.

O BEATO FREI AMADOR.

Alguns annos tinham decorrido apoz dos successos narrados no precedente capitulo d'esta singela historia, quando chegou a Roma o bispo de Evora e da Guarda, D. Garcia de Menezes, o qual, trocando o baculo pela espada, ia por capitão-mór de uma frota, enviada contra os turcos por D. Affonso V, a pedido do papa Xisto IV. O prelado guerreiro, que tão miseravelmente veio a acabar n'uma cisterna do castello de Palmella, em resultado das conjurações da nobreza contra D. João II, estava ainda então no vigor da idade, e, reunindo o saber á valentia, accumulava com as funções militares as de diplomata junto á cõrte do Vaticano. O pontifice recebeu-o como convinha a um homem da cathegoria do bispo, e depois de larga conferencia a respeito dos negocios politicos e religiosos, fallou-lhe de um monge portuguez que ha muito tempo residia na capital do orbe catholico, e que da ermida de S. Pedro Montorio havia feito um mosteiro da Observancia, onde pas-

sava vida exemplar, compunha livros de cousas espirituaes.

D. Garcia viu logo que se tratava do celebre Frei Amador, ou Amadeu, cujo livro de revelações a respeito do estado da Igreja e a mudança da religião dos reinos e dos reis, tanto estrondo havia feito em toda a Europa, dando pasto a complicadas discussões em que se empenharam muitos theologos; uns contra, outros a favor das suas doutrinas: resolveu pois ir visitar aquelle monge, que a Igreja beatificou mais tarde, apesar das censuras de tantos homens doutos, que classificaram a sua obra, não como parto do espirito illuminado de um servo de Deus, mas como aborto da phantasia de um visionario impostor.

Chegado o bispo a S. Pedro, correu a recebê-lo o beato frei Amadeu; mas posto que a idade, a meditação, e as macerações tivessem sulcado de profundas rugas a fronte do ermitão, e que o seu corpo estivesse envolto em burel pardo-escuro, e seus pés calçados em grosseiros sócos de pau, como elle estabelecera para os frades da nova congregação, chamados *amadeus*, do nome do seu instituidor, nem por isso D. Garcia, que era filho de D. Duarte de Menezes, conde de Vianna, deixou logo de reconhecer no monge seu primo João de Menezes da Silva.

Depois de unidos em estreito abraço, com as lagrimas nos olhos, os dous primos fallaram largamente dos seus parentes e amigos, e por fim João de Menezes contou em poucas palavras a sua sentida historia, desde o momento em que abandonára o sequito da imperatriz. A cerimonia do casamento, que lhe roubára a ultima esperança, desfazendo a derradeira das illusões que lhe alimentavam a vida, impressionou-o de tal forma que resolveu buscar a morte longe da vista d'aquelle *ignoto deo*, cujo culto lhe era defezo pela religião e pela sociedade. Vagueando na Italia, julgou ouvir uma voz que o aconselhava a buscar no claustro o unico balsamo para as feridas do coração; Menezes seguiu essa voz, trocou por humilde saial o seu gibão da còrte, e filiou-se na ordem do patriarcha S. Francisco; porém os laços que o prendiam ao mundo eram ainda tão fortes que o nome que tomou no claustro foi o de *Amador*, convertido depois pelos frades em Amadeu. Começou então a castigar em si, com asperas penitencias, o delirio da antiga paixão, e voltando a Roma, aonde já ninguém o conhecia, fundou o primeiro convento de frades amadeus, que se foi estendendo por toda a Italia, onde chegou a ter vinte mosteiros da ordem.

Não pôde D. Garcia convencer seu primo a abandonar aquelle retiro, e voltar á còrte de Portugal; João de Menezes resolvêra passar o resto dos dias na aspereza da clausula e da penitencia, a exemplo do que praticara sua irmã, D. Beatriz, que continuava uma vida religiosa no mosteiro de S. Domingos em Toledo. O bispo voltou pois a Napoles, aonde deixára a armada do seu commando, e frei Amador proseguiu no desempenho da missão evangelica a que se havia dedicado.

Um dia, porém, que o beato Amadeu revolvía uma arca, aonde de envolta com os seus escriptos theologicos se achavam alguns objectos profanos, velhas recordações do seu tempo de cortezaõ, encontrou o que menos desejaria encontrar, o que talvez suppunha não possuir já: aquelle pantufo de D. Leonor, que elle foi buscar á corrente do Tejo! O primeiro movimento, irreflectido, do monge, foi apertar o sapato entre as mãos, e beijal-o com ardor; mas em seguida lembraram-lhe os seus votos, recordou-se de

que a imperatriz estava morta desde 1467, e correndo ao brazeiro da cella queimou, até ficar em cinzas, aquelle testemunho do seu peccado; depois, na mesma arca, buscou umas asperas disciplinas, e ajoelhando diante de um crucifixo, rasgou as proprias carnes com o açoute...

Castigava a sua ultima saudade do mundo.

EPILOGO.

Tem-me dito, como censura, que todas as minhas historias acabam em mortes; mas eu não sei que haja historia que possa terminar de outra maneira, pois que o fim da vida é o passamento. A verdade é esta:

Em 1482, no mosteiro de Santa Maria da Paz, em Milão, falleceu o beato frei-Amador; ahi ficou sepultado, e, segundo a opinião de muitos, d'ahi obra espantosos milagres.

Dous annos depois instituiu sua irmã, D. Beatriz, uma nova ordem religiosa, da Conceição de Nossa Senhora, que começou nos paços de Galiana em Toledo, com auctorisação de Isabel a catholica, pois que D. Isabel de Portugal já era morta, a esse tempo; e aquella santa senhora, que fôra um modelo de formosura, e inveja das outras damas, soror Beatriz, acabou com 66 annos de idade, na mesma capital, em 1490.

«E é muito de considerar os chamamentos que Deus faz aos homens: (diz D. N. de Leão) que um fidalgo mancebo muito gentil homem e loução, e que tinha todos seus pensamentos no mundo; e uma dama de tão extremada belleza, e tão desejada de tantos grandes, com que ella pudera vir a ter grande estado: e tão illustres, e irmãos ambos, na flôr de suas idades, em reinos estranhos fossem instituidores de duas ordens de religião, renunciando o mundo por ganharem o céu.»

Acabou-se pois a lenda dos filhos de Ayres da Silva; elles intercedam na celestial morada pelos benignos leitores, e pelo pobre auctor d'estas singelas paginas.

Lisboa, 20 de abril de 1855.

F. M. BORDALO.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

V.

A primeira obra impressa do sr. Garrett foi quasi contemporanea dos primeiros dias da liberdade de imprensa em Portugal. É o *Retrato de Venus*, publicado em Coimbra em 1821, e de que são já hoje mui raros os exemplares, por não se haver nunca feito d'elle uma segunda edição.

O *Retrato de Venus* é, na ordem chronologica, o primeiro ensaio, que de maior vulto o sr. Garrett tentou fóra do genero tragico em que havia celebrado a sua estreia.

Ainda que publicado sómente em 1821, diz-nos o poeta em uma nota, que o *Retrato de Venus* fôra escripto aos dezeseite annos. Pobre de invenção para aspirar ás honras de um poema acabado e de uma composição original e bella, o *Retrato de Venus* demonstra já, na valentia e na sonoridade dos seus versos, no florido e animado do seu estylo, e nas galas e bizarras da sua linguagem verdadeiramente portugueza e classica, o que havia de vir a ser o vate, quando deixando de hesitar entre a escola sympathica de Elmano, e a musa correcta, mas aspera de Fi-

linto, se abandonasse á inspiração propria, e desdenhados os «aureos numes de Ascreu» se elevasse até o ideal e o melancolico da poesia verdadeiramente nacional e christã.

O *Retrato de Venus* é na sua composição e no seu desenho, nas tintas e no claro escuro um esboceto, uma reminiscencia da poesia arcadiana. Relevam-n'o aqui e acolá alguns toques philosophicos, e algumas allusões politicas, alguns trechos de sonora e veemente declamação denunciavam que o poeta saíu ás vezes do campo neutro da Arcadia, da abstracção innocente dos Elpinos e dos Menalcas, para se inspirar de relance e ainda timidamente na escola voltairiana, que o absolutismo e a inquisição tornavam ainda n'aquelle tempo um contrabando arriscado em Portugal.

O *Retrato de Venus*, se o houvermos de classificar pelas convenções da escola a que pertence, não se sabe de certo em que cathegoria o havemos de filiar. Tem ares de poema, na sua maior parte, didactico, se bem que, para não mentir ao titulo, o abrilhante em algumas passagens, um colorido erotico, em que o proprio Catullo não julgaria muito guardados os fóros da castidade. O poema foi evidentemente escripto para celebrar as maravilhas da pintura, e para caracterisar a traços largos as diversas escolas e os mais insignes artistas que desde Zeuxis e Apelles fizeram da pintura a poesia das fórmulas e das côres. A mãe dos Amores entra no poema como o pretexto de uma descripção. A deusa de Paphos occupa o meio do quadro, para que em redor lhe revoem os pintores illustres, cuja enumeração e elogio descairia porventura no trivial e no commum, se desprendidos de toda a fabula, houvessem de reduzir-se a um indice chronologico, disfarçado nas pompas do verso hendecasyllabo.

Toda a traça do poemeto se resume a uma historia simplicissima. São os amores de Venus e de Adonis; são os reparos que se fazem no Olympo, sobre estas infracções da fidelidade conjugal; são os maliciosos commentarios dos numes, e principalmente das deusas que, como mulheres, sorriem e se deliciam com os desvarios da sua formosissima rival, e com os infortunios do marido; são os zêlos ardentes de Marte, que se indigna com ter por seu rival um moço imberbe e afeminado; são os melindres offendidos de Vulcano, que, por dar uma satisfação, como diriamos hoje, á opinião publica, lá vae, symbolo dos maridos pacientes, e que são sempre os ultimos a comprehender os escandalos da sua casa, coxeando e arrastrando-se em busca da infiel. A consorte leviana anda naturalmente por vergeis de Gnido libando os encantos do amor illegal, e prodigalizando ao mancebo afortunado os mimos e caricias, sonogados á bruteza do deus ferreiro. É preciso esconder Adonis e poupal-o ao desforço dos numes irritados. São as Graças, que por ordem sua lhe ficam de atalaia nos rosaes de Paphos, e a deusa pondo a bom recado o seu timido favorito, sobe ao Olympo a conjurar com a eloquencia da seducção a tempestade que a sua ausencia apparelhára na mansão dos immortaes.

Paphos é, porém, terra muito vulgar para abrigo de namorados. Está na carta geographica dos deuses, e não ha ninguem no Olympo que lhe não saiba mais ou menos o caminho. Venus transporta Adonis para uma ilha remota e desconhecida. Está assente em mar nunca sulcado, para além do cabo das Tormentas. Os deuses gregos, que segundo a mythologia poetica, não são dos mais avisados em geographia moderna, não poderão de certo agora desencantar na ilha igno-

ta o paradeiro do criminoso amante. Mas a pobre Venus não pôde assistir, como quizerá, dia e noite, ao lado do predilecto do seu amor. É mister que furté ás vezes o coração aos delirios e aos extasis da sua paixão illicita, para disfarçar, apresentando-se no Olympo, a vehemencia dos seus desejos e a voluptuosidade do seu amor. Mas n'essas horas de ausencia, o pobre Adonis terá o retrato d'ella, para a estar contemplando, para estar, nos seus transportes d'alma, mitigando saudades, e ideando requebros novos, e anhelando novos deleites, e suspirando prazeres nunca d'antes sentidos nem gostados. Cupido vóa com a sua guarda de honra de alados amorinhos a discorrer o mundo, em demanda de pintores para reproduzirem na tela o transumpto de todas as perfeições e de todos os encantos da Cyprina. Todas as escolas accorrem a este convite erotico. As palhetas brotam novas tintas, e os pinceis vibram de novo nas mãos dos artistas de todos os seculos, e a inspiração e a voluptuosidade aguçam-lhes o estro, encendem-lhes os corações para que possam pela mais poderosa de todas as artes, copiar em obras humanas o divino ideal da gentileza e da volupia.

A invocação á natureza denuncia logo ao abrir do primeiro canto a pretensão philosophica e materialista, propria d'aquelle tempo, e perdoavel na curta idade do poeta. O sr. Garrett havia bebido na litteratura antiga. Elle proprio, nas notas ao primeiro canto, cita como o seu modelo dos primeiros versos a Lucrecio, o poeta naturalista, o poeta que teve o raro engenho de tornar magestoso o atheismo, e ideal a impiedade de Epicuro.

O que no *Retrato de Venus* ha de amoroso é calçado sobre os modelos classicos. O amor é ali puramente carnal. A arte é com poucas excepções na antiguidade, antes a cópia idealisada da natureza physica, do que a traducção dos typos intelligiveis. As estatuas de Praxiteles e de Phidias, são correctas no desenho, e admiraveis no primor de execução; mas atravez dos contornos do Jupiter olympico e da celebrada Venus do estatuario grego, não ressumbra esta animação phantastica, este *quid immaterial*, que releva e quasi divinisa a figura sublime de Moysés, sob o cinzel de Miguel Angelo. A arte antiga abaixa a representação dos entes sobrenaturaes até ás proporções da belleza terrenal e humana. A arte moderna, pelo contrario, tende a idealisar os sentimentos, e a levantar as creaturas acima do nivel do natural e do commum. Na arte antiga os deuses descem a conviver entre os homens, imitando-lhes a estatura e copiando-lhes as paixões. Na arte moderna os homens como que despem os envoltorios materiaes, e a alma purificada revôa nas phantasticas regiões do infinito. As Lesbias e as Cynthias de Horacio, e de Propercio convidam pela exposição mundana dos seus encantos physicos ás bacchanaes do amor. A Julia de Lamartine, a Ophelia de Shakespeare, associam pelo contrario o pudor ao sentimento, e imprimem á voluptuosidade dos sentidos o travo da tristeza e o amargor da melancolia. Na poesia antiga o amor é uma orgia. Na moderna é muitas vezes um martyrio. As mulheres que a musa antiga vae copiar á natureza, cingem-lhes apenas a tunica vaporosa, unge-lhes as tranças soltas em essencias voluptuarias, engrinalda-lhes a fronte lasciva de capellas odoríferas, recosta-as languidas e impudicas nos triclinios dos banquetes, e no meio do seu triumpho momentaneo, dá-lhes por sceptro a taça de Falerno, e completa as seducções de Venus pelos delirios de Lyêo. A lyra moderna endeusa a mulher, para fazer do amor um culto. Com-

prazia-se o poeta romano em celebrar a mulher no tumulto dos festins, e no esplendor e na publicidade da corrupção antiga. O poeta de hoje suspira amores nas melancolicas soidões, nas ruínas desertas do mosteiro, nas torres derrocadas do castello, na floresta onde as arvores entoam, ramalhando, um canto lugubre, nas serranias, onde os vapores do crepusculo desenhavam imagens phantasticas e imitam aparições preternaturaes. A poesia erotica dos antigos é quasi sempre jubilosa como o *evohé* de uma orgia, porque celebra o prazer. A de hoje é quasi sempre melancolica e plangente, porque se inspira na saudade.

O *Retrato de Venus* resente-se do materialismo da escola em que se filia. Percebe-se-lhe em varios trechos, na sonoridade e na cadencia dos seus versos, que o sr. Garrett modulava os seus cantos pela animação um pouco affectada, e pelo numero de algum modo amaneirado da musa bocagiana. Mas a predilecção pelas palavras menos triviaes e alatinadas, pelas vozes archaicas, a abundancia das phrases quinhentistas, e o esmero classico na maneira de dizer, estão a cada passo trahindo no poeta um leitor assiduo e um apaixonado imitador de Francisco Manuel. Mas em meio d'esta conscienciosa imitação dos vates, que então dividiam entre si a soberania das letras patrias, adivinha-se a originalidade do sentir, e percebe-se o poeta que, rendendo preito ás convenções e ás formulas poeticas dos seus tempos, começa já de retemperar o engenho na inspiração do seculo em que tinha de florecer.

Como não é formosa a voluptuaria languidez da mãe dos Amores, suspirando nos braços do seu dilecto! Que perfume erotico, que suavidade e que ternura não espira de si a meiga Venus, desenhada com as tintas ideaes que o sr. Garrett sabe ainda, depois de tão lidadas e gastas, extrahir da palheta greco-romana!

Nas languidas pupillas lhe transluz
O prazer divinal que a opprime e anceia;
Nos inflammados beijos, nas caricias,
No palpar do seio voluptuoso,
No lascivo apertar dos braços niveos,
Nos olhos em que a luz quasi se extingue,
Na interrompida voz que balbucia,
Nos derradeiros ais que desfallecem...
Quem do prazer não reconhece a deusa
No excesso do prazer quasi expirando?
Sorri-lhe ao lado o filho de travesso,
E d'entre o myrtho as candidas pombinhas
C'o estremecido arrulho a dona imitam.

A descripção da ilha deliciosa, onde Venus esconde o objecto dos seus illicitos amores, prova que o sr. Garrett podia já entrar em competencia com os mais imaginosos paizagistas da antiga e da moderna poesia.

Jaz muito além do tormentorio cabo,
(Sempiterno brazão da lusa gloria)
Em não sabido mar, jamais sulcado.
Ilha aprazivel, deliciosa e breve
A mão dos homens, destruidora e barbara
Mimos da criação não lhe estragara.
A seu grado crescia o bosque, a selva;
Vecejava sem leis o prado ameno;
D'alvas pedrinhas pelo leito amigo
Se espreguiçava o peregrino arroio,
Sem temer que impia mão ouse perversa

No brando curso interromper-lhe as aguas.
Prezas não gemem fugitivas Nayas,
Nem Dryades gentis feridas choram:
Sem arte a natureza era ainda a mesma.
No mais escuro do copado bosque
Ternas suspiram maviosas rôlas
E em mais alegres sons, prazer mais ledo,
A meiga ave de amor no arrulho exprime.
Outro vivente algum a aura fagueira
Não ousa respirar. Silencio eterno
Impera na soidão, dobra-lhe encantos.

Desde os versos finaes do primeiro canto até quasi ao meio do quarto e ultimo, decorre uma enumeração de todos os pintores, que illustraram a arte antiga, e que desde o renascimento das boas artes formaram as differentes escolas, desde Cimabué, o patriarcha e primeiro restaurador na idade media, até á escola portugueza, se escola se póde dizer que tem formado os cultores da pintura em Portugal.

A verdadeira poesia, deixada a trilha didascalica, que seguiu no segundo e no terceiro canto, reaparece, quando os amores escoltando de todos os angulos da Europa os artistas inspirados, os conduzem até ao delicioso retiro onde a deusa de Gnido recata o seu amante ao ciúme e á malevolencia dos immortaes. É Venus, é o typo ideal da formosura, quem se apresenta por modelo á inspiração de todos os pintores, ao debuxo e ás tintas de todas as escolas. É agora que o poemeto justifica o titulo, e que deixando de ser uma dissertação historica e artistica em versos cadenciosos e valentes, attinge rapidamente e n'um esboceto apenas assombreado as proporções de uma concepção original e imaginosa.

Assim lhes falla a carinhosa Venus:

«Vinde ó filhós, que um nome tão suave
«Vossos dotes merecem; vinde: e a empreza,
«Que na mente revolve, effectuae-me.
«Não mando, peço... (Ah! de uma bella o rogo
«Quanto mais vale, que uma lei de um nume!)
«Retratae-me, ó pintores.» N'isto a deusa
O mimoso sendal, já pouco avaro
Do thesouro, despiu. Quantas bellezas,
Que divinos encantos não descobrem,
Não pesquisam, não vêem avidos olhos!
Sonhos da phantasia, ah! não sois nada!
Guindado imaginar, ideal belleza,
É pouco o vôo, limitado o arrojo;
Não tenteis franquear mysterios tantos.
Cae das mãos o pincel sem que o percebam
Aos pintores na vista embevecidos;
No olympo os deuses, ignorando a causa
De insolito prazer sentem banhar-se.
A natureza inteira revolveu-se;
Sonhada, pythagorica harmonia
Nas espheras soou mais branda e doce.
Aos entes todos pelas veias lavra
O incentivo do gosto; gemem ternas,
Que ha pouco uivaram, pelo bosque as feras;
Arrulharam de amor meigas pombinhas.
.....
Ah! muitas vezes não descubras, Venus,
Magos encantos; ou verás que em breve
A força de prazer se extingue o mundo.

(Continúa).

J. M. LATINO COELHO.



WILLIAM COWPER.

A nossa gravura representa a habitação de William Cowper, um dos mais illustres, e ao mesmo tempo mais modestos poetas da Inglaterra.

Nasceu Cowper em Berkhamstead, em 1732, cursando com distincção na idade juvenil os estudos necessários para desempenhar as funcções de um emprego que andava na sua familia, o de secretario da camara dos lords.

Entretanto, quando foi chegada a occasião de exercer o cargo, que lhe estava destinado, sendo prevenido de que devia dirigir algumas palavras á illustre assembléa, de tal susto se deixou tomar, que renunciou para sempre á carreira administrativa, em que aliás podia adiantar-se rapidamente.

Não faltou quem alcunhasse a timidez de Cowper de fraqueza de espirito, e outros lhe deram por motivo certo accesso de loucura. É certo que a sua razão esteve algum tempo como vacillante, tendo de o confiar aos disvelos do doutor Cotton de Saint-Albans. «É esta uma nova prova, diz um dos seus biographos, de que o genio não dista quasi sempre muito da loucura!» Esta observação comtudo não é justa, e póde ser perigosa. A serenidade, a pureza, e a força da intelligencia são, pelo contrario, os caracteres mais essenciaes do genio. Homero, Virgilio, Horacio, Shakespeare, Milton, Corneille, Racine, Molière, n'uma palavra todos os poetas realmente superiores, foram homens dotados de elevada razão.

Em 1765 Cowper, restabelecido completamente, foi habitar a cidade de Huntingdon, onde conheceu a familia do reverendo Unwin, estreitando com ella relações que só haviam de terminar com a vida. A morte arrebatou em breve o reverendo Unwin, em consequencia da queda que dera de um cavallo abaixo. Cowper foi então residir para Olney, a convite do reverendo João Newton, ministro da parochia d'aquelle nome.

Escreveu William Cowper, além de outras obras de menos importancia, os bellos poemas intitulados a *Esperança*, a *Charidade* e a *Conversação*, e uma traducção de Homero, ainda hoje muito apreciada dos inglezes pela correcção, elegancia e fidelidade.

Os modicissimos bens que lhe haviam deixado seus

paes suppriam as modestas aspirações e desejos do excellente Cowper; e foi por isso talvez, que, desprezando offerlas vantajosas que se lhe fizeram para a impressão das suas obras, só se resolveu a publical-as quando já passava dos quarenta annos.

Falleceu William Cowper no anno de 1800, no condado de Suffolk, em Deheram.

A sua memoria é ainda hoje venerada em Inglaterra como a de um poeta que reunia aos elevados dotes do espirito, a um talento transcendente, e extraordinaria lição, as qualidades mais amoraveis, e a virtude mais acrisolada.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA,

NA ARCADIA — ALCINO MICENIO.

1728—1770.

VIII.

Uma elegia, uma canção, e a epistola ao conde de Oeiras abonam a curiosidade com que o poeta se exercitou em outros generos.

Consagrada a deplorar a morte de José Antonio de Brito, a elegia em alguns trechos exprime a íntima saudade d'aquelle amigo, a quem o poeta deveu os primeiros estimulos, que alentaram o seu talento, quando principiou a revelar-se.

A tristeza da perda, e a memoria das obrigações contrahidas, inspiram-o. O seu coração fiel e sensível não mente.

Pena é que Domingos dos Reis, compondo-se pelos modelos, estendesse o véu da allegoria pastoril sobre a pallidez da dôr, esquecido de que as lagrimas correndo livres, e os gemidos soluçando alto, não desfeiam, ornem a belleza da elegia funebre.

Coberta de luto, soltos os cabellos, e de joelhos sobre a campa, não representará melhor a magua, do que disfarçada em trajos que não são seus, e per-

dida por brenhas imaginarias? Diante da morte só Deus é grande, e a saudade. Todos os artificios se calam no tumulto. Ali só ha logar para a voz que chora, para o desengano e a resignação. O mais esquece e passa.

Phrases oucas, figuras e combinações forçadas são defeitos, e não virtudes; porque accusam timidez de sentimento, e pouca energia na commoção.

Mas os arcades tinham como principio a sujeição, e o Quita não era dos mais animosos para romper com ella, e seguir unicamente os impulsos do talento. Por isso a sua elegia se resente da affectação, esfriando em rodeios os grandes lances, que a sua natural suavidade, entregue a si, não deixaria de alcançar.

Aquelles pastores de comedia, aquellas ovelhas impertinentes, que vagueam, balindo, pelas faldas dos outeiros; e por fim aquellos satyros, que vão pulando pelas selvas, interrompendo sinceros lamentos, até na scena de fingidas lastimas haviam de repugnar; mas introduzidos no campo christão, aonde repousam cinzas queridas, tornam-se insupportaveis.

E odioso vel-os, no meio do canto, que pranteia a separação que roubou ao poeta metade da sua alma! Nunca se desviou tanto a arte da natureza!

E assim mesmo, como o engenho do Quita se vinha apenas rasga qualquer aberta, por onde escape aos faunos e aos Melibeus do seu cansado Menalo! Acompanhando com a saudade o espirito do amigo além da terra, que meiga ternura anima os seus versos!

E vós, alma gentil, por quem saudosos
Os tristes olhos meus estão chorando,
Do feliz bem de ver-vos desejosos:
Vós, que a luz de outro sol estaes gosando,
E sobre outra verdura, outras boninas,
À sombra de outros freixos descansando:
Vós que pizaes ditosa outras campinas,
Outros montes, e valles, e estaes vendo
De outras fontes as aguas cristallinas

Vivei lá sem nos ver, alma ditosa,
Em quanto o certo fim se não apressa
Da nossa vida triste e trabalhosa.

A imitação do estylo de Camões é muito visível aqui.

O primeiro terceto respira uma suave tristeza, que seduz; mas os seguintes, com a forçada allegoria pastoril, perdem grande parte do agrado.

Continuar a ficção buccolica, mesmo depois que o espirito, solto das prizões do mundo, voou para a morada sublime, é levar longe de mais a obediencia á servidão classica.

Accresce até que as regras em vigor não impediam o vate de aproveitar o maravilhoso moderno como o Dante e o Petrarcha o tinham ensinado, pondo de lado os arvoredos e relvas dos elysios, verdadeira aberração do gosto.

Preferindo as estafadas machinas mythologicas, o Quita feriu o senso moral, sacrificou a luz mysteriosa, que o dogma christão derrama sobre o terrível problema da eternidade; perdeu as delicadezas do sentimento, proporcionadas pelo assumpto, caíndo em logares communs tantas vezes empregados.

A canção corresponde melhor á sua indole, e pôde reputar-se uma das suas obras mais limadas. Appropriando os rasgos melódiosos do cantor de Ignez, talvez com alguns toques de maior doçura, o poeta com

finas côres e traços esmerados descreve-nos as ancias e saudades do amor.

As inquietações da ausencia, a que outro vate chamou com primor, amarguras doces; a imagem do objecto amado presente sempre aos olhos da alma, e ainda mais viva na distancia; e os cuidados de um captiveiro, em que são rozas as algemas, cujo termo a esperança não deixa desejar; todas as incertezas, e as mil contradicções, em que a vida namorada se enleva, brilham, fogem, e tornam a voltar no breve painel d'esta linda poesia, cheias de mimo, e graciosas, ora abrindo o sorriso sobre uma lagrima, ora pousando a esperança sobre um raio d'aquelle esplendidó sol, que allumia as primeiras, e tão queridas, illusões da mocidade, e do coração. Umas vezes, o pincel correndo lembra algumas das melindrosas miniaturas, em que a musa do Petrarcha tornou divinas as perfeições de Beatriz; outras, a phantasia, rica de florescia, e não cabendo nos limites da paixão, desata o vôo, e nasce de repente uma paizagem encantadora.

É para lamentar, que Domingos dos Reis se não applicasse mais a cultivar estes poematos a que sabia dar infinito relevo, acabando-os com admirável correção. Eis alguns trechos: veja-se como o exordio natural e sentido dispõe para o queixume terno que havemos de escutar:

Ao pensamento vinde, meus cuidados
Vinde, minha gostosa companhia,
Tão amaveis, que, quando mais lembrados,
Mais minha gloria sois, minha alegria.
Doce emprego, recreio delicioso
Das largas horas, em que vivo ausente
Da soberana luz, por quem ancioso
Ora suspiro triste, ora contente.
Doces, doces cuidados, que á memoria
Me trazeis n'um momento tanta gloria!

Segue-se um trecho, em que as graças do estylo unidas á elegancia das imagens, pintam o delirio apaixonado do amante, recordando feição por feição a formosura, que suspiram os seus olhos, e que, longe, ou perto, sempre lhe mora n'alma. Poucas vezes, em traços tão rapidos, se delinearía vulto mais seductor:

Que vivamente estou na conjectura
Aquelles graciosos olhos vendo.
Que movendo-se cheios de ternura,
Mil segredos de amor me estão dizendo.
Os dourados cabellos, que voando
Representam do sol os resplandores,
Aquella gentil bóca, que calando
Me diz n'um só suspiro mil amores;
Aquella formosura incomparavel
Mais que tudo a meus olhos agradavel.

Passando, depois a narrar os tormentos da saudade, e as maguas da ausencia exclama o poeta:

Oh, mal haja o poder do injusto fado,
Que me traz de teus olhos separado!
Vem ver-me no deserto d'esta praia,
Aonde por ti vivo suspirando;
Vem, Tirceá, que á sombra d'esta faia
Em amor estaremos praticando.
Aqui verás o sol na agua esconder-se,
Esmaltando de rouxo os horisontes,
Scintillar as estrellas, e só ver-se

A mal distincta luz nos altos montes:
Tronco aqui não verás, nem branca areia,
Em que o teu doce nome se não leia.

O quadro fugitivo do pôr da tarde, acabado em quatro versos, é tão natural que parece que os olhos estão vendo a frescura das arvores, e o rumorejar das folhas com a viração, que parece ouvir-se a pancada lenta do mar desenrolando nas praias as ondas preguiçosas, e divisarem-se os clarões affogeados do occaso inflammando ao longe os horisontes esfumados, aonde o azul do céu se junta ao azul das vagas. E logo alçando a vista para a parte aonde começam já as sombras, como é verdadeiro aquelle tremulo scintillar das primeiras estrellas, e o dia esmorecendo frouxo e mal distincto nos mais altos cumes, em quanto a escuridão e a melancolia, crescendo pelos valles, anoutecem successivamente os ultimos clarões crepusculares!

É uma paizagem que lembra o cinzel virgiliano, e aquella expressão visível, que fecha a ecloga I do pastor de Mantua:

*Et jam summa procul villarum culmina fumant,
Majoresque cadunt altis de montibus umbræ.*

O fecho da canção não mostra menos arte e delicadeza. Variando com destreza os tons, e retratando nas rapidas transições a inquietação febril do amor, que se consola de um cuidado no grato pungir d'outro cuidado, o vate accrescenta:

Quantas vezes entre estes arvoredos
Proferindo o teu nome a voz levanto
A chamar-te: estes asperos rochedos
Me ajudam condoidos do meu pranto!
E quantas entre idéas enganosas
Se me está vivamente figurando
Que te digo mil queixas amorosas,
Que me estás com branduras consolando,
Que me juras de ser sempre constante,
Que eu te affirmo de ser eterno amante!

A epistola é dirigida ao conde de Oeiras, e postas as bellezas de parte, sem offensa pôde chamar-se um memorial em tercetos.

A mão da desgraça devia pezar bem rigorosa sobre o poeta, para elle, forçada ou voluntariamente, e em termos tão humildes, implorar a compaixão de um ministro!

Apesar d'isso, contemplando a figura austera do Garção, e o seu animo igual na constancia aos infortúnios, custa a desculpar esta fraqueza de um engenheiro illustre.

Para ver desprezadas as supplicas, e ficar sempre esquecido na pasta do marquez, não valia a pena curvar a tantas lisonjas um espirito, que honraria o despacho, em vez de se honrar com elle. Quem merece muito accêita pouco, e não pede nunca.

A mendicidade litteraria é de todas a mais lastimosa, porque avilta ao acaso uma corôa preciosa, que vem de Deus; e por mais que padeçam, aquelles que este diadema ornou, são obrigados a manterem a realleza intellectual, pura de baixezas, e a lembrar-se de que devem conta d'ella ás gerações futuras.

Entretanto, estranhando, como pede a razão, o esquecimento do respeito proprio, é justiça accrescentarmos, que na epistola ao conde de Oeiras ha formosos versos, é imagens cheias de energia.

A pobreza e o desamparo, que tinham cercado o

vate de misérias, e o combatiam de maguas incessantes, estão representados com pintura feliz em tercetos dignos de melhor assumpto.

Levantando-se do leito da dôr, e buscando em torno de si um abrigo, ou uma leve esperanza, o Quita lamenta não haver encontrado senão o rosto ameaçador da adversidade, sempre certa em o perseguir. É então que a firmeza lhe desmaia, que a voz se ergue quasi chorosa, e que a sua mão se estende, mas debalde (!) á protecção do dispensador dos beneficios regios.

Eis as queixas, que parece não terem chegado nunca aos ouvidos do valido; ou que o acharam insensível, como antes, se porventura as escutou:

Depois, que unida á minha sorte escura,
A fria mão da pallida doença
Dispara sobre mim a frecha dura.
Aberto já me tinha a chaga intensa.
Já sobre os turvos olhos me corria
Da feia, e negra morte a nuvem densa.

.....
Mas ponderae a barbara inclemencia,
Com que pelos cabellos arrastado,
Me traz a triste, sordida indigencia.

.....
Com vacillantes, mal seguros passos,
Movo apenas o corpo enfraquecido,
Que em vão para o trabalho agita os braços.
Qual passarinho implume, que perdido,
Tem os providos paes, e sem sustento
Geme no ninho já desfallecido.

De que serviram estes sentidos metros, e a petição recheada de louvores, em que invocava a piedade do ministro?

Se a caridade de uma familia virtuosa o não tomasse nos braços, e não o soccorresse, quando muito, alcançaria, a preço de novas adulações, um talher na meza do marquez, ou uma chavena de chá nos seus serões!

Tinha lá tempo o grande estadista para mitigar a penuria de um poeta, reduzido a pedir-lhe pão?!

Apartemos a vista de semelhante episodio, desgraçadamente bastante usual, em todas, e n'aquella epoca, que assim mesmo talvez não fosse a mais avarenta de auxilios e estímulos para as letras e sciencias.

São antigas chagas, e incuráveis, desde remotas eras.

Parece que a Providencia, quando concede muito ao espirito, de proposito abre livre entrada aos revezes e amarguras, para que o homem tenha sempre no coração um espinho, que o advirta, desenganando-o de que até a maior altura humana não é senão baixeza, illusão, ou precipicio.

IX.

Uma collecção de sonetos, e a silva ao terramoto de novembro de 1755, juntamente com as quatro tragedias Astarto, Megara, Hermione, e Castro, completam as obras, que nos deixou o Quita, não incluindo as poesias bucolicas.

Diremos d'ellas rapidamente, porque temos pressa de chegar com o cantor de Lycore ás viçosas campinas, aonde aquelle engenheiro terno se deleitava, modulando a flauta pastoril dos Tytiros e Menalcas.

Foi o maior brazão do seu talento; e com motivo citaram os arcades e o velho Filinto, ainda do fundo do desterro, os melodiosos versos, em que revi-

vem as paizagens de Theocrito, e a suavidade de Virgilio.

Nos sonetos, Domingos dos Reis, como o Diniz, eleva-se pouco, e fica muito longe do primor de Boccage, inimitavel n'este genero.

Falta-lhe a finura de traço, que possuia o traductor de Ovidio, e o condão particular com que sabia dar alma ao pequeno quadro das suas bellas miniaturas, quer fossem retratos comicos, quer pintassem n'um relance os delirios da paixão, ou as maviosas saudades do amor.

Entretanto, por não hobrearem com as obras acabadas de Elmano, não são para desprezar os sonetos do Quita. Se a imitação visivel do estylo de Camões, e uma certa frouxidão lhe debota a côr original, enfraquecendo o conceito, não pôde negar-se, que apresenta alguns, que muitos poetas applaudidos não engeitariam.

Mais escolha, e mais imparcialidade n'ella aproveitaria melhor á memoria dos vates, que a ostentação de colligir quanto escreveram, só com o fim de engrossar volumes.

É nos sonetos, sobre tudo, que este erro apparece peor, tornando-se insupportavel a monotonia das eternas enfiadas de poemas de quatorze versos, quasi sempre afinados pela mesma nota, e passando os optimos despercebidos no tropel.

O que valem para a reputação de Antonio Diniz as tres centurias, que alagam o primeiro tomo das suas obras? De que prestam á gloria de Domingos dos Reis os setenta e seis sonetos, bons, mediocres e pessos, que mal entendido escrupulo levou os editores a estamparem?

Poucos, mas selectos modêlos bastariam para abonarem a aptidão e o gosto, poupando-se aos leitores trabalhosas peregrinações por uma verdadeira charneca de consoantes, e aos poetas o triste estendal das pobrezaas, ainda as mais reconditas das suas horas de ocio.

Na silva ao terramoto, a invocação é commum, e só principia a tomar calor quando o vate exclama para Deus:

Assisti-me no empenho, em que prosigo;
Aos pezarosos echos do meu canto
O alto furor da tua graça inspira
Para que eu cantar possa ao som do pranto.

Sem nos determos com a impropriedade da phrase no terceiro d'estes versos, ou com a pallidez prosaica do primeiro, notaremos como feliz a expressão echos pezarosos que anima o segundo, e a idéa indicada no quarto, posto que esteja apenas esboçada. O mais, até á descripção da catastrophe, não se levanta do trivial, e a obra não ganharia pouco se começasse aonde abre o painel da assolação.

Esse sim tem lances de mestre ás vezes. Estremece-se em alguns passos diante de medonho espectáculo, que reproduz. Sente-se, vê-se em outros a terrivel angustia d'aquella hora. Eis alguns rasgos, tirados ao acaso:

.....
Quando a terra as entranhas revolvendo,
Com forte impulso, com estrondo horrendo
Dentro em seus proprios ambitos se abala;
E em medonhas gargantas toda estala;
Move-se o monte, move-se a cidade,
Como as ondas na grande tempestade,
Da imminencia da terra se despenha

Em pedaços desfeita a tosca penha;
Rodam uns para o valle, e vão matando
O rebanho, que andava ali pastando:
Ficam outros abertos e estalados
Na destrocada rocha debruçados;

.....
Cáem os templos, os porticos se abatem,
Os muros com os muros se combatem;
O edificio, que foi mais levantado
Mais horroroso acaba destrocado,
E aos homens este estrago, esta desgraça
A uns sepulta, a outros despedaça.

Apesar do effeito desagradavel, que faz o martellar das rimas batendo no ouvido os consoantes a dous e dous, e de incorrecções pouco desculpaveis, ha viveza e relevo n'este trecho, como em outros se pôde louvar sem favor o quadro dos padecimentos Moraes no meio das ruinas e do luto de um successo repentino e doloroso.

Se a lima a corresse mais de vagar, esta poesia, reduzida nas proporções, e apurada nas idéas e no estylo, seria uma das melhores do Quita.

Assim mesmo imperfeita não desmente o seu talento.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

Tem cuidado de adquirires bom nome; porque este será para ti um bem mais estavel do que mil thesouros grandes e preciosos.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas pròvincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1\$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1\$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.º 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. Brabo, rua do Ouro, n.º 212.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, a sr.ª Viuva Carvalho & F.º; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães.